

Num Círculo do Sol

Renato Suttana

Num Círculo do Sol



http://www.arquivors.com/renato_numcirculo.pdf

2009

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

Copyright © Renato Suttana, 2009

e-mail para contato:
rnsuttana@arquivors.com

“A consciência só intervém em nossos atos para perturbar a sua execução, a consciência é um perpétuo questionamento da vida, talvez a ruína da vida.”

(E. M. Cioran)

SUMÁRIO

MAS A ESPERA.....	9
À DISTÂNCIA	10
FAZ-SE.....	11
FUNDURA.....	12
FACILMENTE ME PERCO	13
DE ESPERAR	14
EM MEIO ÀS SOMBRAS.....	15
ABDICAÇÃO	16
FOGO.....	17
O MUNDO PERDE TUDO	18
SE NÃO ME LANÇO AO MAR.....	19
NOS SONHOS É MELHOR.....	20
MANHÃ DE AGOSTO.....	21
O QUE EU BUSCAVA ALI?	22
O PROBLEMA.....	23
AMANHECI.....	24
SETEMBRO	25
VEM NO VENTO	26
VOLTAREI A DORMIR	27
EM PLENO OUTUBRO	28
DESCIDA	29
NÃO ME ACOSTUMO	30
QUANDO SILENCIO	31
FÓRMULA	32
DURMO.....	33
O QUE VEM POR AQUI.....	34
ONDE ACABA ESTE MUNDO	35

SONETOS ELEGÍACOS.....	37
1.....	39
2.....	40
3.....	41
4.....	42
5.....	43
6.....	44
7.....	45
8.....	46
9.....	47
10.....	48

MAS A ESPERA

Não quero o fogo que arde brandamente,
nem os dons que a esperança nos prodiga,
nem as promessas dúbias da fadiga,
que a noite, inapreensível, só desmente.

Não quero o incerto sol que se apresente
que pesa na manhã como uma intriga:
sob o qual a manhã se oprime e obriga,
baça da névoa seca que a acinzente.

Mas a espera que nunca é satisfeita,
o anseio de impossível que em nós deita
sua longa raiz – e nos inventa:

mas a necessidade de irreal,
o desejo de um reino sem final
cujo anúncio somente nos sustenta.

À DISTÂNCIA

Coisa sempre à distância, que entrevejo,
ou indício de coisa que pressinto,
a confundir-se em pleno labirinto,
para além da ansiedade e do desejo;

resumo opaco (e lento) do que almejo
quando, entre as obstruções do que me sinto,
ainda as aqueça um fogo quase extinto,
que foi passado e decisão no ensejo.

Sempre em fuga, e à distância, como um rastro
que ao longe, no horizonte, se entrevisse –
farol ou chama a fantasiar-se de astro.

Que mais me escapa quanto mais avanço:
meta de eu ser *eu mesmo* que fugisse –
troféu de estar ali que não alcanço.

FAZ-SE

Faz-se sol, faz-se lua, a noite faz-se
na vasta indiferença em que medita
seu tesouro de sóis, seu negro impasse,
sua profundidade erma e infinita.

E o coração inquieto, que se agita,
sem que alcançando a meta se ultrapasse,
descobre o fundo obscuro, a coisa aflita
que em cada fundo ou coisa o incite, o ameace.

Faz-se um dia após outro: e um novo dia
vem abolir lembrança e decisão,
vem abolir palavra e solução:

faz-se a queda, a descida, o descompasso,
na agreste perspectiva do fracasso
que nos encobre a estrada, nos desvia.

FUNDURA

Nulo, impróprio, de vidro – equilibrei-me
num caniço de insônia e então desci
às profunduras do que nunca vi,
sem ilusões de chama em que me queime.

(É inútil que ainda bata, que ainda teime
contra esta porta que jamais abri:
que invoque o nome de quem não está ali –
na ansiedade de um rosto, que me arrime.)

Tudo é pressa no dia; e tudo é vento:
coisa que engendra coisa – e movimento
que tudo leva para o indefinido.

Cansado de coragem, de procura,
mergulhei, evasivo, na fundura
de onde não trouxe forma nem sentido.

FACILMENTE ME PERCO

Facilmente me perco; e nem precisa
que exista um labirinto ao meu redor:
basta um salto de péssimo a pior,
uma nuança qualquer na asa indecisa.

Basta sumir-se em parte uma divisa,
não haver meridiano ou equador:
despetalar-se ao vento alguma flor,
quando a toca do vento a mão precisa.

Não é que eu não conheça a estrada certa,
a rota necessária, ou que não saiba
ler no horizonte o rumo que me caiba.

Mas basta que uma porta esteja aberta –
que a dúvida a redor aperte o cerco,
e logo já me enredo, já me perco.

DE ESPERAR

Eu vivo de esperar o que não hei de ter,
o que, fora de mim, é mero acontecer:
a coisa assente ali, que um rio ali lançou
quando, entrado o verão, as margens transbordou.

Vivo de me alcançar no que já me escapou:
na asa do pensamento, inerte, a esmorecer
sobre a ideia do esforço e a intenção de poder,
que não persiste em mim, não está em quem *sou*.

Quando, ao surgir da aurora, insone da vitória
que ontem não alcancei e é só, neutra e vazia,
um capricho do qual me resta uma memória –

me lanço à tentativa, à vertigem da luz,
sou o fantasma disso, um engano a que induz
a inquietude do vento e a agitação do dia.

EM MEIO ÀS SOMBRAS

Lançado cegamente em meio às sombras
(como um cego à procura do que não),
tropeço de repente e vou ao chão,
caindo sobre os móveis e as alfombras.

Na queda é que descubro que o que estive
a procurar no centro da cegueira
era uma cor mais justa, uma maneira
que após o choque não me sobrevive.

Levanto-me, no entanto, e novamente
me entrego ao voo torto, sem memória
da forma procurada – esta vitória

que a cada novo embate se desmente.
E chego ao fim do dia, ermo e vazio
do que foi só fracasso e rodopio.

ABDICAÇÃO

Canso-me deste jogo. E me afadigo
de ter sido outra coisa, a me atirar
à vertigem do espanto – a esse perigo
de ser quem sou no outono, a perdurar.

Canso-me do fantasma que persigo
entre muros que estão a me observar:
entre sendas que avanço, inquirio e sigo,
sem, no entanto, saber aonde vão dar.

E paro, às vezes, pasmo, estremunhado
das visões que o *futuro* descortinam
entre as névoas de agora ou do passado:

e sou, não sendo eu mesmo, quem *desiste*,
quem não quer mais jogar e, alegre, e triste,
se resigna à missão a que o destinam.

FOGO

A pele do erro jaz intocada no escuro –
e outras coisas estão dispersas sobre o piso:
queima um fogo de cruz como um falso sorriso
(e o resto diz respeito às mágoas do futuro).

Sopra um vento de abril, mas eu não me procuro
na fantasia azul que chamei de paraíso:
basta-me esta água sobre a qual ainda deslizo –
barco sem rumo a procurar um porto obscuro.

(No ontem, morto, sonhei que havia uma paragem
onde, a cintilações de opala e turmalina,
se compensasse o esforço insípido da viagem.)

Coisas de erro serão sonhadas no amanhã –
e esta espera sem fruto, esta ansiedade vã
se hão de transfigurar num fogo que ilumina.

O MUNDO PERDE TUDO

O mundo perde tudo, a vida perde
seu sentido de ser e de existir.
E a vontade não tem tesouro que herde,
miragem que a estimule a persistir.

Na partilha do dia, em que o sentido
é uma voz aliciante, a ecoar no fundo
(e se arruína também no indefinido),
a vida perde mais, e perde o mundo.

E resta a mão inútil – que se estende
e retorna sangrando do que empreende:
nada poder no tempo, que degrada,

se o mundo perde tudo, e a vida mais:
quando esperas e encontros são iguais,
são iguais a partida, a meta e a estrada.

SE NÃO ME LANÇO AO MAR

Se não me lanço ao mar, se não me atiro
em direção ao que imagino ser
o horizonte do estar, do acontecer
(se contra um tal espinho não me firo);

se não me descompasso, não deliro
a supor o que fica por fazer:
se não encontro um modo de o dizer
no que falta dizer, se não o infiro

(e paro na soleira, antes da entrada,
a mentar uma forma inacabada
de coisa que não sei, que não procuro) –

então que esta fadiga em que me afundo
concentre a imperfeição do meu futuro
e seja para mim resposta e mundo.

NOS SONHOS É MELHOR

Nos sonhos é melhor, porque se exalta
o que à luz da vigília é bruxuleio;
nem há a pressão da coisa de permeio,
esta fera que vem e nos assalta.

É melhor porque o mínimo ressalta
e se converte em solução, esteio;
e a metade de um copo é um copo cheio,
e ao incompleto – ao parco – nada falta.

Nos sonhos é *quem somos*, outramente,
sem a máscara vã do dia claro
que se desfaz na noite indiferente.

E cada gesto encontra o seu lugar,
perdida a pressa fútil de saltar,
de enxergar para além deste anteparo.

MANHÃ DE AGOSTO

Manhã de agosto e sol sobre a minha cabeça:
e tudo por fazer depois da noite lenta –
e a flor por cultivar entre o que mal começa,
na vaga confusão que o olhar experimenta.

Manhã de sol e sol em que uma luz isenta
jorra sobre a intenção do agir, dormente e espessa,
que se abre num torpor de espuma e então, cinzenta,
me força a estar de pé e ao salto me arremessa.

Manhã de sol em que não sei quem sou, mas paro
frente ao espelho como diante do anteparo
e, sem nada concluir, penso apenas, ausente:

“Hei de encontrar na flor a solução sonhada,
a pista que intuí numa outra temporada –
e que me levará ao porto inexistente”.

O QUE EU BUSCAVA ALI?

O que eu buscava ali? – Não sei dizer.
Não sei dizer sequer de onde me vinha
aquela pretensão, que eu não continha
de desbravar, de achar, de conceber.

Não me bastava o sonho, que definha
após a primavera do querer:
sua substância pobre, a se esquecer
quando o fulgor da aurora se avizinha.

Recorda-me uma forma que teria:
seu contorno pensado, seu valor,
sua apoteose pobre ao fim do dia. –

De onde vinha, o que fosse, o que dissesse
ao meu esforço inculto, à minha prece? –
Bastava me entregar àquele ardor.

O PROBLEMA

É no dia que existo, escuramente,
como se um outro em mim me consistisse.
Sou a paragem onde se desmente
a firmeza do *não* que a noite disse.

No dia então começo. E estou presente
a cada gesto meu, como quem visse
seu olho num espelho, claramente,
a procurar a flor que ali se abrisse.

Mas, se o dia concede a nitidez,
se o ânimo que traz nos alimenta
e nos instiga ao ato, à lucidez,

do que examino o espelho não me isenta:
não resolve o problema a mim proposto
de encontrar um caminho, um nome e um rosto.

AMANHECI

Branco e lento: de vidro, aconteci
numa imprevista curva desta via;
lancei a rede em busca do que havia,
mas encontrei o que não pretendi.

Tive a cinza da chama que perdi
enquanto me esfalfava, me batia
contra uma porta que jamais se abria
e fechava o tesouro atrás de si. –

Sentei-me na soleira, extenuado
de esperar e bater: de ser quem era
sobre o impreciso mapa do passado.

Amanheci num gume de setembro,
na transição do inverno à primavera,
numa paisagem de que não me lembro.

SETEMBRO

Se não fosse setembro e seus achados,
suas cores, seu ouro, seu mistério –
seriam vãos estes caminhos dados
(esta ilusão de meta e refrigério);

seria vão este falar a sério
sobre gestos sutis ou estouvados,
ou sobre a ideia de algum falanstério
que se assinala em mapas apagados:

se não fosse setembro e sua cor,
seu perfume, seu voo, seu ludíbrio –
seria inútil esta pretensão

de demandar ao sol seja o que for:
de seguir um caminho ou direção,
à procura de abrigo e de equilíbrio.

VEM NO VENTO

Vem no vento o que vai, o que distrai
o pensamento lento de ficar:
vem como um velho fardo a transportar,
que só nos pesa porque o dia vai:

porque dentro uma coisa se contrai,
sem perspectiva de se confirmar –
seja a aflição prolixa de alcançar,
seja o fogo do esforço, que a distrai.

Vem no vento, improficuo, e só procura,
e só perscruta e quer, sem nada ter,
tal como um sentimento de fundura,

tal como uma quimera do dizer. –
Vem como uma certeza que se esquiva,
como uma poeira, um sopro, uma deriva.

VOLTAREI A DORMIR

Voltarei a dormir. Quero esquecer
a circunstância de ontem, esta fria
substância do vivido, que a vazia
lembrança de hoje insiste em reacender.

Quero entrar no silêncio, que desfia
meu manto de quimera e não poder –
na beatitude alada de perder
a direção que procurei no dia;

dormir *profundamente*, mergulhado
num sonho sem sentido, mas feliz
de mil ações e planos que não fiz:

despedir-me de agora e de passado,
depor também o fardo do futuro
como uma roupa velha ao pé de um muro.

EM PLENO OUTUBRO

Sopra um vento de inverno em pleno outubro,
e esta intenção exangue de poder,
esta insatisfação que vem de haver
um projeto qualquer que não descubro

acumulam-se em mim, em cinza e rubro,
sufocando as potências do querer
(como as horas que vêm só para arder –
e se dissipam no torpor de outubro).

Sopra, na manhã seca, e é apenas vento,
como ocorre uma ideia ao pensamento,
sem fecundar em mim semente ou rasto.

(No céu sem uma nuvem, que anuncia
em luz extrema a pretensão bravia,
há só deserto e pasmo – azul e vasto.)

DESCIDA

Entre o negro, o difuso, entre o sombrio
da noite que regressa e me dissolve
numa névoa de sono, entre este frio
em que a ambição da meta se resolve;

entre este arco, este cerco, este desvio –
e a impossibilidade que me solve;
entre a nuvem de sono que me envolve –
entre esta confusão, este extravio;

desço ao esquecimento e ali me torno
aquele que, de instante a instante, veio
e se apropriou do que não sei, nem creio.

Desço, e só na manhã é que retorno,
quando a luz me repõe no jogo incerto
de procurar um éden no deserto.

NÃO ME ACOSTUMO

Não me acostumo ao dia, não me adapto
à sua claridade, ao seu frescor;
não me equilibra paga nem valor,
que para as horas simples não sou apto.

Quando me ofertam solução, contato,
espessura, conforto, espaço e cor,
afundo-me em distância e no estupor,
por incapaz de ultrapassar-me no ato.

Depois, vem o futuro e se dissipa
na indigência de após, na inconsistência
da vontade pensada: esta consciência

de tudo por fazer, que não me impele. –
Vem este ardor fingido – estranho e imbele –
que não me fortifica, não me equipa.

QUANDO SILENCIO

É quando silencio que começo
quando já não mais quero, quando evito,
quando meu verbo temporal, finito
desiste de espessura, de arremesso;

quando não tenho mais, quando me esqueço,
quando já não me aquece o fogo dito
e a aventura fugaz do que medito
é um fio só do manto que desteço.

Quando não tenho mais roteiro ou norte,
quando não me comove a meta dada
(e o litoral de sonho que me importe),

é então que principio, que me lanço –
em busca do farol que não alcanço,
da estrela que perdi numa alvorada.

FÓRMULA

E, tendo repetido a minha fórmula,
o meu passe, o meu falho encantamento,
fechei-me à seduções do ar e do vento,
trancada para sempre a minha rótula.

Atirei-me à pesquisa do invisível,
como quem procurasse uma maneira
e entre as sombras da torre, em meio à poeira,
perquirisse uma nesga do impossível.

E fiquei, a pensar, como um mendigo
da luz que não achei nem se mostrou
no carnaval do que elaboro e digo:

hoje a mera lembrança da aventura
que após se converteu nesta amargura,
nesta certeza de asa que pousou.

DURMO

Durmo – seco, vazio. E a noite passa,
indiferente ao peso que transporto.
Não tenho consciência de alvo ou porto –
e afundo só, como numa trapaça

da treva insone, no sono, em que, morto,
ermo de mim, longínquo, uma fumaça
(que me desaparece ou que me embaça)
é todo o meu caminho e o meu conforto.

Leve, eu mesmo, e no entanto repartido
entre o sol da vigília e a água do outono,
derivo para uma orla do sentido,

por incapaz de audácia e persistência. –
Naufrago numa nesga de inconsciência,
vencido pelo peso e pelo sono.

O QUE VEM POR AQUI

O que vem por aqui só pode ser o sonho.
Não pode ser a dor da noite vigilante,
nem a angústia outonal de um bracejar instantâneo
(que é quanto nos restou do naufrágio medonho).

Não pode ser a vaga intenção de um risonho,
claro sol a fulgir sobre o dia ofegante;
não pode ser a cor da ilusão trepidante.
O que vem por aqui só pode ser o sonho.

Vem por uma janela, uma fresta, uma fenda –
como um suspiro do ar que arrefece e desvenda,
oculto sob a luz, um enigma qualquer.

Vem do que foi a noite amanhecida no ouro
de uma resignação que não haver tesouro
não oprime nem faz desistir de querer.

ONDE ACABA ESTE MUNDO

Onde acaba este mundo, onde este mundo
deixa de ser o que é para tornar-se
o que está sempre em vias de formar-se
e como potencial dorme no fundo

(esta véspera insípida, este imundo
permanecer aquém do atualizar-se);
onde a verdade é sempre um desnudar-se,
um revelar-se de *afinal* profundo;

ali meu coração repleto para
e, no esforço do impulso, se prepara
para um novo começo, um novo estado:

se desfaz dos possíveis do passado,
se inventa nas certezas do futuro,
se lança para a frente, imenso e puro.

SONETOS ELEGÍACOS

1

Esta ambição de *sim* que nos arrasta,
esta ânsia de alcançar que nos incita
a perseguir uma meta infinita,
que mais queremos quanto mais se afasta.

Esta exigência do que não nos basta
e assim mesmo nos urge, nos excita,
nos traz ao sonho em que o sonho acredita
e depois nos confunde, nos desgasta.

Esta esperança do que já passou,
do que o esforço admitiu e procurou,
atingindo um extremo na exaustão:

arco de cor que ao sol da primavera
se desfez em poeira de quimera –
em descontentamento e dispersão.

O rei de espadas diz uma palavra exata,
mas toda exatidão não vale um bracejar
do naufrago que ao fim afundará no mar –
na imensidão que o fascinou e agora o mata.

(Pensamento nenhum vale a intuição inata
de que a ideia do porto – a ânsia de a confirmar –
não tem sentido de ternura ou de lugar,
pois se dissolverá no cristal que a refrata.)

– “Um cão latindo à noite é o meu maior consolo,” –
diz o anão expectante (ou a sombra do anão) –
“o luar sobre o horizonte, o astro a dizer seu *não*,

me traz a luz de que preciso; eu, que me evolo
numa brisa da noite, entre espadas e cruces,
entre a ilusão do luar e a ilusão de outras luzes.”

Muito antes de eu ter sido atingido numa asa,
muito antes até de eu alcançar a estrada,
muito antes de a flor me ter sido roubada,
de eu ter perdido a direção da minha casa;

de eu me desconhecer nesta luz que me abrasa,
neste deserto que me seca e me degrada;
muito antes do pasmo em que a alma está parada,
desta bifurcação que me dispersa e atrasa;

muito antes do girar sem sentido de porta –
do que foi sol e dia entre as monções do engodo
(do que foi intenção e agora não importa) –

muito antes desta cinza e da areia no inverno,
da confusão da luz que me alça deste modo,
desta cor, deste caos em que me desgoverno.

Tudo é prolixidade: o dia é claro,
mas por dentro não presta – apodreceu
como um fruto que a mão não recolheu,
cujo sabor se esfez no vento raro.

Tudo é complexidade: desamparo
neste momento em que ser isto – ou *eu* –
não tem nada de próprio, nem é meu,
e se converte em círculo, anteparo.

(E o dia é só uma carga, um fardo, um peso
que deposita sobre o pensamento
a ideia de estar nele – ardente e aceso.)

Tudo é curva, descida – indecisão;
vontade de atingir que as horas vão
decepcionando em pálido e cinzento.

“Houve um tempo em que o sol, em que a ternura, a graça,
o esforço sorridente, e o consolo, e a esperança,
e o intacto desejar de coisa que não passa,
de luz que não se esvai, de saber que não cansa;

“houve um tempo em que ser não continha trapaça,
em que existia paz e floria a confiança,
e o prêmio era um jasmim, uma joia sem jaça,
e o mundo se continha entre as mãos de uma criança.

“Houve manhãs de abril, houve fruto e setembro,
e o fogo da estação e um sol de que me lembro,
a amanhecer outubro entre instantes iguais.

“Foi assim,” – disse o rei – “mas hoje é nunca mais.” –
E completou, fechando um olho que sabia:
– “Hoje o verão em nós não dura mais que um dia.”

6

Se fosse numa curva, se existisse
num limite do claro e do possível
e fosse mais que distração, desnível,
nos guardasse da chuva, nos cobrisse;

e fosse qualquer coisa de mais crível,
de mais sóbria, que não nos confundisse,
não nos deixasse à espera, não fugisse
para um fundo de ausência, indiscernível;

e então se acumulava sobre o dia
não esta névoa espessa que o descora,
esta fome de imenso, que o desvia,

este anseio de haver, que o descolora.
Havia de ser bom, de ser perfeito,
de ser mais que uma adaga em nosso peito.

Muito aquém de mim mesmo, muito aquém
da intensa maravilha que pensei
e depois por capricho sabotei,
por causa alguma, em nome de ninguém;

muito aquém do paraíso que inventei,
da expectativa de conforto e bem,
de explicação no escuro, muito aquém
do oloroso éden que desabitei;

aquém talvez de uma resposta certa
para a pergunta que me desconcerta,
cujo sentido dito ignoro e temo:

muito aquém do farol que me orientasse,
que me guiasse àquele ponto extremo
onde a minha esperança em flor renasce.

Ela afundou sozinha nesse mar
(não houve quem pudesse acompanhá-la,
não houve quem pudesse consolá-la) –
afundou como um barco antes do mar

(se fosse assim possível afundar):
como um jarro se quebra numa sala,
como uma coisa leve, que resvala –
mas sozinha: em seu longe naufragar.

(Quem poderia corrigir tal erro –
que nos lança na mágoa e no desterro
e põe em nossa boca este sabor?) –

Desceu à sombra sem dizer adeus,
como quem se dissolve no ar de Deus,
como quem despetala alguma flor.

Deus a viu afundar. E apenas viu:
não interveio nisso, não fez disso
uma tarefa sua – um compromisso
a que o seu ser-ausente não serviu;

não se comprometeu (esteve omissos
nesse jogo em que, estando-o, não mentiu):
cumpriu profundamente o que cumpriu,
não enviou seu anjo a tal serviço.

E no entanto afirmou profundamente
numa noite de insônia o que, retendo,
tornou enorme em nós, porque presente.

Viu recrescer na noite a nossa mágoa –
como uma cor que se alastrasse na água,
num tom de indefinido escurecendo.

É preciso avançar na Coisa escura –
superar este horror de estar aquém:
não recolher o fruto que madura,
mas seguir ao encontro do que vem.

Aprender que esta noite nos procura
e nos ensina a suportar também:
seja o gume cortante de uma agrura,
seja este sentimento de Ninguém.

Se outubro não comporta e a hora não basta,
então que venha a noite e o seu concerto,
o seu nada de luz que nos devasta.

Venha o galgar ao sol uma montanha,
perseguir uma flor que não se apanha,
não conhecer distância nem deserto.

http://www.arquivors.com/renato_numcirculo.pdf